

## ARQUIDIOCESE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

### Curso de Formação sobre animação bíblica da pastoral

#### Ex 15,22–18,27: os primeiros passos de Israel rumo à liberdade

#### Motivação

*Conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres (Jo 8,32).*

Cada época possui os seus desafios e as suas crises em todos os âmbitos sociais. Nos tempos de Jesus, em meio ao povo no qual nasceu para cumprir as Escrituras, a religião, não obstante tivesse uma longa história orientada debaixo da autoridade de Moisés, reivindicada pelos *os escribas e fariseus*, estava sendo praticada debaixo de uma forte opressão, que exigia um novo êxodo:

<sup>1</sup>Jesus, então, dirigiu-se às multidões e aos seus discípulos: <sup>2</sup>“Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. <sup>3</sup>Portanto, fazei e observai tudo quanto vos disserem. Não imiteis, porém, as suas ações, pois dizem, mas não fazem. <sup>4</sup>Amarram fardos pesados e os põem sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos nem com um dedo se dispõem a movê-los. <sup>5</sup>Praticam todas as suas ações com o fim de serem vistos pelos homens. Com efeito, usam largos filactérios e longas franjas. <sup>6</sup>Gostam do lugar de honra nos banquetes, dos primeiros assentos nas sinagogas, <sup>7</sup>de receber as saudações nas praças públicas e de que os homens lhes chamem ‘Rabi’.

<sup>8</sup>Quanto a vós, não permitais que vos chamem ‘Rabi’, pois um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos. <sup>9</sup>A ninguém na terra chameis ‘Pai’, pois só tendes o Pai celeste. <sup>10</sup>Nem permitais que vos chamem ‘Guias’, pois um só é vosso guia, Cristo. <sup>11</sup>Antes, o maior dentre vós será aquele que vos serve. <sup>12</sup>Aquele que se exaltar será humilhado e aquele que se humilhar será exaltado (Mt 23,1-12).

Por um lado, a Palestina estava debaixo do jugo do Império Romano, que ditava as regras quanto à nomeação do sumo sacerdote. O judaísmo, então, estava controlado politicamente e devia agir de acordo com os interesses de Roma (cf. Jo 11,48)<sup>1</sup>.

Por outro lado, devido a questões culturais, religiosas e econômicas, as lideranças religiosas, apesar de reivindicarem autoridade, estavam divididas e enfraquecidas: *E se uma casa estiver dividida em si mesma, aquela casa não poderá subsistir* (Mc 3,25).

Todavia, judeus e galileus, ligados à fé mosaica, *estavam como ovelhas sem pastor* (Mc 6,34). Em nome do mesmo Deus, a Sinagoga e o Templo disputavam os fiéis e os seus bens (*devoram as casas das viúvas e simulam longas orações*: Mc 12,40; *não façais da casa de meu pai uma casa de comércio*: Jo 2,16 cf. Jr 7,11).

<sup>1</sup> Cf. John D. CROSSAN – Jonathan L. REED, *Em busca de Jesus. Debaixo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2007, pp. 211-214.

Neste contexto, *quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido submetido à lei* (Gl 4,4), para renovar todas as coisas. Não quis, porém, realizar o plano da salvação sozinho, mas associou a si alguns homens e mulheres, que nós denominamos discípulos. Destes, Jesus elegeu Doze para enviá-los em missão e disso deriva e fundamenta chamá-los de *apóstolos*, isto é: enviados.

Jesus deu início a uma mudança de paradigmas em relação à forma como Deus era concebido e cultuado. Ele e os seus primeiros seguidores interpretaram a sua vocação e a sua missão como um *ponto de mutação* para a história da Revelação.

Há uma *continuidade descontínua* entre o messianismo esperado dentro judaísmo e o messianismo inaugurado por Jesus, que ele ensinou e praticou (cf. Mc 8,27-30.31-33; 9,30-32; 10,32-35). Nós acreditamos que Jesus, como um novo Moisés, veio para nos libertar de opressões que vão além do jugo humano, pois o seu Mistério de vida, morte e ressurreição se tornou um marco divisor da/na/para a história da humanidade.

Nós professamos, firmemente, que somos os continuadores da missão confiada aos apóstolos. Não obstante esta certeza, muitas discórdias e divisões pesam sobre os nossos ombros, em quase dois mil anos de história, que, como na época de Jesus, estão enfraquecendo a Igreja e exigindo que, nela, aconteça um novo êxodo. Isto é um novo olhar para o Evangelho, a fim de percebermos se, de fato, estamos realizando o que é capaz de renová-la, a partir de dentro, para que o mundo e os seres humanos acreditem em Jesus e glorifiquem a Deus (Jo 15,5-8): *nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros* (Jo 13,35), pois *este é o meu novo mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amo. Ninguém tem amor maior do que o que dá a vida pelos seus amigos* (Jo 15,12-13).

O próximo mês da Bíblia oferece uma grande possibilidade para darmos um novo impulso em nossas atividades pastorais. A proposta de leitura, estudo e compreensão de Ex 15,22–18,27 dependerá, não só das bênçãos que Deus nos está reservando, mas dependerá, também, do que cada um estiver disposto a fazer para que um novo sopro do Espírito renove a nossa vocação e missão libertadoras no meio do nosso povo.

## ***Verbum Domini***

### ***73. A animação bíblica da pastoral***

Nesta linha, o Sínodo convidou a um esforço pastoral particular, para que a Palavra de Deus apareça em lugar central na vida da Igreja, recomendando que «se incremente a “pastoral bíblica”, não em justaposição com outras formas da pastoral, mas como *animação bíblica da pastoral inteira*».<sup>2</sup> Não se trata simplesmente de acrescentar qualquer encontro na paróquia ou na diocese, mas de verificar que, nas atividades habituais das comunidades cristãs, nas paróquias, nas associações e nos movimentos, se tenha realmente a peito o encontro pessoal com Cristo que Se comunica a nós na sua Palavra. Dado que «a ignorância das

<sup>2</sup> [254] *Propositio* 30; cf. CONC. ECUM. VAT. II, Const. Dogm. sobre a Revelação divina *Dei Verbum*, 24.

Escrituras é a ignorância de Cristo»,<sup>3</sup> então podemos esperar que a animação bíblica de toda a pastoral ordinária e extraordinária levará a um maior conhecimento da Pessoa de Cristo, Revelador do Pai e plenitude da Revelação divina.

Por isso exorto os pastores e os fiéis a terem em conta a importância desta animação: será o modo melhor também de enfrentar alguns problemas pastorais referidos durante a assembleia sinodal, ligados, por exemplo, à *proliferação de seitas*, que difundem uma leitura deformada e instrumentalizada da Sagrada Escritura. Quando não se formam os fiéis em um conhecimento da Bíblia conforme à fé da Igreja no sulco da sua Tradição viva, deixa-se efetivamente um vazio pastoral, onde realidades como as seitas podem encontrar fácil terreno para lançar raízes. Por isso é necessário prover também a uma preparação adequada dos sacerdotes e dos leigos, para poderem instruir o Povo de Deus na genuína abordagem das Escrituras.

Além disso, como foi sublinhado durante os trabalhos sinodais, é bom que, na atividade pastoral, se favoreça também a difusão de *pequenas comunidades*, «formadas por famílias ou radicadas nas paróquias ou ainda ligadas aos diversos movimentos eclesiais e novas comunidades»,<sup>4</sup> nas quais se promova a formação, a oração e o conhecimento da Bíblia segundo a fé da Igreja.

## Introdução

O segundo livro da **Tōrāh** ou **Pentateuco** é uma compilação que reúne diversas tradições e materiais, que circulavam oralmente. A redação final deste livro pode ter ocorrido entre os séculos VI – V a.C.

Moisés é uma figura central no livro do Êxodo. Nele se concentra uma revelação que o transformou no libertador e no mediador de Israel. Uma personagem revestida de autoridade, porque traz, em suas mãos, as tábuas de pedra, contendo a Lei de Deus (cf. Ex 20; 24,12; 31,18; 32,15-16; 34,1-5; Dt 4,13).

O êxodo pode ser estudado como *evento*, *livro* e *temática bíblica*. Foi o *evento saída* que deu nome ao *livro* em grego, porque narra o elemento fundamental da fé e da orientação religiosa e social de Israel. Esse conteúdo originou a *teologia do êxodo*. Esta teologia está presente em vários textos do Antigo e do Novo Testamento em forma de alusão ou releituras.

Ao longo dos séculos, o evento bíblico do êxodo tem influenciado as reflexões sobre a opressão dos povos, quando caem nas mãos de pessoas injustas e sobre a iniciativa do Senhor que não fica alheio ou indiferente a esse sofrimento.

Todavia, as leituras e interpretações sobre esse livro, que até agora foram feitas, visavam mostrar muito mais a inegável ação de Deus, como libertador, do que as

<sup>3</sup> [255] SÃO JERÔNIMO, *Commentariorum in Isaiam libri*, Prol.: PL 24,17B.

<sup>4</sup> [256] *Propositio* 21.

ações do povo, como libertado. Por isso, não se deu a devida atenção à necessidade de se perceber o modo como receber, guardar e manter essa liberdade como dom.

## 1 - Título

Na Bíblia hebraica, este livro é chamado וְאֵלֶּה שְׁמוֹתָּהּ (w<sup>e</sup>ə<sup>l</sup>leh šemôt), que significa: *estes são os nomes* ou *eis os nomes*. A razão para tal deve-se ao seguinte fato: em hebraico, um livro recebe o seu título das primeiras palavras. Era um antigo costume semita de intitular os rolos.

O título atual provém da LXX, ἔξοδος, e significa, literalmente, “*saída*” (Ex 19,1). Diz respeito ao feito glorioso, no qual os filhos de Israel deixam o Egito debaixo do comando de Moisés. O título grego foi dado ao livro a partir do principal evento narrado, mas, através de uma leitura atenta e crítica, percebe-se que este título não consegue abarcar totalmente o conteúdo do livro.

A saída do Egito é o tema principal e está narrado nos quinze primeiros capítulos do livro, e lembrado ao longo do Antigo Testamento. Todavia, ao lado deste tema central, encontra-se a marcha dos libertos, sob a liderança de Moisés e Aarão, rumo ao Monte Sinai, local onde os israelitas fizeram uma experiência do Senhor e selaram a Aliança.

## 2 - Centralidade e importância do Êxodo

### a) No quadro histórico do corpus do Pentateuco

Os acontecimentos narrados no livro do Êxodo são três: a *libertação do Egito, a caminhada pelo deserto e a aliança no Sinai, seguido de prescrições sobre a ereção da tenda-santuário*. Estes fatos constituem a base em torno da qual se relacionam os outros livros do Pentateuco:

No livro do **Gênesis** encontra-se a história das origens do mundo, dos homens e dos antepassados de Israel. O aspecto central deste livro gira em torno da dupla promessa: *descendência numerosa e terra boa*. Estes elementos servem de premissa e justificação para o que se encontra narrado no Êxodo. José, filho de Jacó, serve de ligação temática entre o final do livro do Gênesis e o início do livro do Êxodo.

No livro do **Levítico** narra-se a permanência dos libertos no deserto durante quarenta anos, recebendo as leis e os preceitos divinos. O aspecto central deste livro gira em torno da presença de Deus no meio do povo chamado à santidade: *Sede santos porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo* (Lv 19,2). A tenda-santuário serve de ligação entre o final do livro do Êxodo e o início do Livro do Levítico.

No livro dos **Números** são fornecidos dados estatísticos sobre o contingente de cada tribo, a fim de mostrar que, não obstante as condições adversas, o povo continua se multiplicando. Novas leis são inseridas e, principalmente, apresentam-se as etapas percorridas no deserto até acontecer o ingresso em Canaã como continuação e realização da promessa feita aos patriarcas. O aspecto central deste livro gira em torno das primeiras conquistas do território, na Transjordânia, com a vitória sobre Seon, rei dos amorreus, e Og, rei de Basã (cf. Nm 21,21-35; Am 2,9-12).

No livro do **Deuteronômio** encontra-se um resumo sobre o período do deserto em forma de discursos de Moisés que, antes de morrer e como um verdadeiro patriarca, deixa para o povo o seu testamento e a sua bênção. A unicidade é central neste livro: um único Deus, um único povo, uma única lei e um único lugar de culto.

*b) No quadro teológico do Antigo Testamento e do Novo Testamento*

O êxodo é o evento que se tornou o momento inicial e constitutivo de Israel como o povo da aliança. O êxodo, portanto, é o objeto primordial da fé deste povo, porque, pela experiência narrada neste livro, os filhos de Israel, descendentes dos patriarcas, conheceram e experimentaram o Senhor como o seu libertador e o seu forte aliado na luta contra todo tipo de opressão. O Senhor liberta através dos fenômenos naturais. Da *teologia da libertação* passa-se à *teologia da criação*.

Por conseguinte, a primeira fase da religião de Israel, denominada *javismo*, nasce como fruto da intervenção de Deus, nasce a partir do evento e da história do êxodo. A aliança estabelecida no Sinai sela o compromisso de Deus em relação ao seu povo: *garantir-lhe a sobrevivência*; e sela o compromisso do povo em relação ao seu Deus: *reconhecer que Ele é o único Senhor*. O único Deus capaz de garantir a vida onde ela, humanamente dizendo, é incapaz de existir.

Esta dinâmica ganha um corpo institucional e sobre ela fundamenta-se a nova ética dos libertos, que passam a ser o povo eleito, e se repercute tanto na esfera cultural como na esfera social. Pelo exemplo e testemunho salvífico que o livro do Êxodo contém, ele se torna a estrutura imprescindível e a categoria conceitual para se ler e compreender a salvação operada e proposta pelo Senhor em todos os momentos da história do povo eleito. O principal momento, do Antigo Testamento, que reinterpreta e reapresenta a experiência do êxodo foi o exílio em Babilônia. Neste sentido, o retorno do exílio e o repatriamento na Palestina são vistos como um novo êxodo.

No modelo da aliança do Sinai foram configuradas e expressas as relações religiosas de comunhão entre o Senhor e os **eleitos do passado**: *Adão, Noé, Abraão-Isaac-Jacó*; e os **eleitos do futuro**: *Davi, Josias e o novo Israel pós-exílico* com Esdras.

O Novo Testamento, em particular os Evangelhos, que narram a presença e a missão pública do Verbo Encarnado, Jesus de Nazaré, contém numerosos traços da experiência do êxodo que, para uma justa compreensão da Boa Nova, deve ser levado em consideração. O evangelista Mateus, em particular, apresenta Jesus como o novo Moisés, realizando uma profecia contida em Dt 18,18, e apresenta o seu ensinamento em cinco discursos, criando uma ligação com os cinco primeiros livros da Bíblia.

### **3 - Conteúdo narrativo**

Embora a história narrada no livro do Êxodo esteja ligada à história narrada no livro do Gênesis, há, porém, uma lacuna cronológica de quatro ou cinco séculos. Nesta época, os hebreus tinham descido para o Egito e eles eram apenas um clã (cf. Gn 50,24-26). O livro do Êxodo, por sua vez, abre-se com a indicação de que José e

seus irmãos já tinham morrido e que aquele clã inicial se tornara uma enorme multidão que chamava a atenção e passou a ameaçar os egípcios (cf. Ex 1,6).

O quadro político do Egito mudou profundamente: *sobre o trono estava um novo rei “que não tinha conhecido José”* (cf. Ex 1,8). Este rei mostra-se mal disposto em relação à multidão dos hebreus que ocupavam o território da fronteira oeste do delta do Nilo (Gessen). A mudança de política interna, que reduz os hebreus a trabalhos forçados, põe em movimento todos os acontecimentos do livro do Êxodo.

Os acontecimentos centrais do livro são quatro:

- *Saída do Egito*
- *Caminhada pelo deserto*
- *Chegada e aliança no Sinai*
- *Edificação da tenda-santuário*

Com a saída do Egito, os filhos de Israel adquirem liberdade física, mas no Sinai, graças ao dom da Lei de Deus, eles se tornam um povo interiormente livre pela nova conduta ética e iniciam uma nova vida de serviço exclusivo ao Senhor que o libertou.

*Libertação, aliança e culto são os temas que tecem o evento histórico-épico que fez dos libertos o povo de Israel.* A marcha pelo deserto é o tema que entrelaça a saída do Egito, passando das mãos do faraó para as mãos do Senhor pela aliança. Nesta fase, encontra-se Ex 15,22–18,27 que animará o nosso próximo mês da Bíblia.

#### **4 – Importância teológica do livro do Êxodo**

(**TEO-LOGOS**: um falar de Deus; um falar a/com Deus; um falar sobre Deus).

O conteúdo deste livro influenciou, fortemente, o pensamento de vários profetas, sábios, autores bíblicos e pensadores tanto do judaísmo quanto do cristianismo.

O livro tem início com um grupo de hebreus numa terra estrangeira: o Egito. Isto, de certa forma, contradiz e recorda as promessas feitas por Deus aos Patriarcas. Os filhos de Israel estavam oprimidos por um faraó cruel, que agia sobre eles como se fosse um “deus”. Ele controlava os aspectos da sua vida, mantendo-os escravos no seu país e decidindo quem devia morrer e quem devia viver.

A narrativa, após a vocação e missão de Moisés, mostrará a luta entre o Senhor e o faraó com seus magos. Este saiu vencido pela série das dez pragas. O Senhor, por meio de Moisés, conduz o povo ao seu monte santo, o Sinai, que já é uma antecipação de Canaã e da futura eleição de Jerusalém em Sião. No Sinai, Moisés é confirmado como líder do povo, pois o Senhor entrega-lhe as suas leis, fixando no meio do povo a sua presença e fazendo caminho, com eles, rumo à terra prometida.

Moisés é o servo fiel e eloquente, que antecipa o êxodo (do Egito ao Sinai), e a eleição do povo, na eleição da sua vida (cf. Ex 2–4). Moisés torna-se o grande instrumento do Senhor e o modelo para as descrições bíblicas que serão feitas sobre

outros personagens do Antigo Testamento: Josué, Jeremias (cf. Jr 1,4–10), o Deutero-Isaías e Jesus (cf. Mt 2,13-15).

Moisés, vendo e participando da condição do seu povo (cf. Ex 2,13-15), torna-se o homem próximo ao Senhor, que se revela próximo e sabedor de todo o sofrimento que o seu povo estava passando (cf. Ex 3,7-12). Pela mediação de Moisés, o Senhor suscita uma relação de fidelidade que será selada na Aliança.

## 5 – Estrutura do livro

Várias mãos interagiram na redação e composição do livro do Êxodo. A principal delas denomina-se “Sacerdotal” [P], que organiza e une as tradições em torno de três partes que, a princípio, teriam existido de forma independente:

- a) *A libertação dos hebreus no Egito das mãos do faraó* (Ex 1,1–15,21);
- b) *A viagem ou marcha do Egito ao Sinai* (Ex 15,22–18,27);
- c) *O período de estadia no Monte Sinai* (19,1–40,38).

A marcha acontece em doze etapas, cada uma delas aparece marcada por meio de fórmulas: *levantaram acampamento de* [nome do lugar “x”] *e chegaram a* [nome do lugar “y”]. O povo, guiado pelo Senhor, iniciará a sua marcha, mas, antes, celebrará um ritual que se tornará o memorial do evento: *a páscoa*.

Os filhos de Israel não andaram errantes pelo deserto, mas foram guiados através de etapas bem precisas, acompanhados pela coluna de fogo, que os aquecia de noite e pela nuvem, que os protegia do calor do sol durante o dia. O povo permanece no deserto (de Ex 19,2 a Nm 10,10), recebendo do Senhor os dons que na antiguidade constituíam um povo como nação:

*um chefe*: Moisés;

*uma lei*: o Decálogo;

*um templo*: a tenda-santuário do deserto, com os seus ministros e seus rituais.

### I - Libertação do Egito (Ex 1,1–15,21)

1,1-22: *Prosperidade e opressão dos hebreus no Egito*.

2,1–7,7: *Moisés é o condutor*: nascimento, salvação do Nilo, formação na corte, mata um egípcio e foge para Madian. Vocação e missão, dada pelo Deus que ele encontrou no Sinai, para que realizasse, como mediador, a libertação de seus irmãos.

7,8–10,29: *Serie de prodígios* operados pelas mãos de Moisés e Aarão na corte do faraó e sobre o território egípcio, com o objetivo de forçar as resistências do rei, a fim de deixar os hebreus partirem. Todas as tentativas resultam inúteis: o faraó está obstinado. Os hebreus decidem escapar (êxodo como fuga: Ex 10,29; cf. 14,5).

11,1–13,16: *A Páscoa do Êxodo*: a morte dos primogênitos determina a caçada dos hebreus do Egito (êxodo como caçada: Ex 11,8; 12,31-33); os hebreus passam a noite

do flagelo celebrando a Páscoa e em prontidão para a partida. Conjuntamente à narrativa, são dadas prescrições que dizem respeito ao ritual da *Páscoa e dos Ázimos anuais a ser celebrado na terra prometida, isto é, Canaã* (cf. Js 5,10-12).

13,17–15,21: *Saída do Egito e passagem do Mar dos Juncos*; os filhos de Israel são seguidos e alcançados pelos egípcios nas proximidades do Mar dos Juncos, onde uma intervenção providencial do Senhor é narrada, livrando-os, definitivamente, da submissão estrangeira. Israel é libertado e entoa-se o canto da vitória (cf. Ex 15,1-18).

## **II - A marcha pelo deserto (15,22–18,27)**

Seis episódios compõem esse bloco e, segundo a narrativa bíblica, ocorreram após a travessia do Mar dos Juncos. Este fato deu liberdade e separou o povo das mãos do faraó e da opressão sofrida no Egito. O cântico da vitória celebra esse feito (cf. Ex 15,1-21). A partir desse momento, a liberdade recebida deve ser assumida, pela comunidade dos libertos, como um dom do Senhor.

O bloco de Ex 15,22–18,27 preenche o espaço narrativo entre a vitória sobre as tropas do faraó, no Mar dos Juncos, a marcha inicial pelo deserto e a chegada ao Sinai. Neste bloco narrativo, o ouvinte-leitor encontra seis episódios que evocam necessidades básicas tidas pelos libertos, ao longo da primeira etapa da marcha e das primeiras providências organizativas orientadas pelo experiente sogro de Moisés:

- 1) **Sede**: as águas amargas (Ex 15,8-27);
- 2) **Fome**: o maná e as codornizes (Ex 16,1-36);
- 3) **Sede**: a água que brota da rocha (Ex 17,1-7);
- 4) **Defesa contra inimigos**: Josué enfrenta Amalec (Ex 17,8-16);
- 5) **Reencontro familiar**: Jetro encontrou seu genro, para lhe devolver a sua filha e os seus netos (Ex 18,1-12);
- 6) **Liderança partilhada**: Jetro aconselhou Moisés a instituir um conselho de anciãos para atuar, ao seu lado, como juízes (Ex 18,13-27).

Percebe-se que, nesses seis episódios, quatro estão ligados à luta pela sobrevivência e aparecem em uma sequência lógica: sede – fome – sede – guerra. Dois episódios estão ligados a Jetro, sogro de Moisés: o primeiro evoca um encontro, no qual Jetro buscou Moisés para lhe devolver a sua esposa Séfora e os seus dois filhos, Gerson e Eliezer; o segundo evoca um ato de obediência de Moisés, no qual aceitou o conselho do sogro, a fim de dividir a sua tarefa de juiz com homens escolhidos e virtuosos.

É possível classificar as necessidades enfrentadas por Moisés e seu povo em três temáticas (LOPEZ, 2004, 146): necessidades de ordem natural (fome e sede), dificuldades no interior da própria comunidade (questões de autoridade e de poder), e os ataques de outros grupos do deserto (amalecitas).



### III - *Aliança do Sinai* (Ex 19,1–40,38)

19,1–24,11: *Chegada ao Sinai*: proposta de aliança por parte do Senhor para os filhos de Israel, em meio à grandiosa teofania.

A Lei aparece como condição da aliança: o decálogo e o código da aliança.

Estipulação da aliança por meio do rito do sangue e do banquete sagrado.

24,12–31,18: *Moisés sobe ao monte*: recebe as prescrições que dizem respeito à complexa *vida cultural* do povo da aliança, escrita sobre duas tábuas de pedra.

32,13–34,35: *bezerro de ouro*: enquanto Moisés está no alto do monte, o povo manifesta a necessidade de ter um deus mais próximo, menos terrível e visível. Aarão sucumbe aos desejos do povo por medo e forja um bezerro de ouro, que se torna, para Israel, objeto de culto e ocasião de desequilíbrio comunitário.

Moisés desce da montanha, a sua ira se inflama, levando-o a quebrar as tábuas da lei e a destruir o bezerro de ouro.

Moisés sobe, novamente, à montanha e recebe uma nova cópia da lei sobre duas novas tábuas.

Acontece a *Renovação da aliança*. Moisés, então, desce da montanha.

35,1–40,38: Moisés executa as prescrições recebidas, no que diz respeito ao culto e, particularmente, quanto ao lugar no qual o culto deve ser exercitado: a **tenda-santuário** que será erguida e acompanhará o povo durante o período do deserto.

### Referências bibliográficas

FERNANDES, L. A. – GRENZER, M., *Ex 15,22–18,27*. Comentário Bíblico Paulinas. São Paulo: Paulinas, 2011.

CNBB, *Travessia: passo a passo, o caminho se faz – Ex 15,22-18,27*. Brasília: CNBB, 2011.

GÁRCIA LÓPEZ, F. *O Pentateuco*. São Paulo: Paulinas, 1998.

GÁRICA LÓPEZ, F. *O Pentateuco*. São Paulo: Ave Maria, 2004.

RÖMER, T. – MACCHI, J-D., NIHAN, C. *Antico Testamento*. história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2010.

SKA, J. L. *Introdução à leitura do Pentateuco*. São Paulo: Loyola, 2003.

ZENGER, E. (ed.) *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2002.

## Sugestão de uma programação para o mês da Bíblia 2011

**Tema geral:** *Ex 15,22–18,27: os primeiros passos de Israel rumo à liberdade*

**Data:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**Local:** \_\_\_\_\_

**Horário:** das \_\_\_\_ h às \_\_\_\_ h

**Quantos encontros?** \_\_\_\_\_

**Palestrantes:** \_\_\_\_\_

**Público alvo:** \_\_\_\_\_

### Objetivos:

Adquirir subsídios acadêmicos e populares sobre Ex 15,22–18,27;

Fazer uma exposição do material a fim de suscitar o interesse pelo aprofundamento dos temas tratados nos encontros;

Solicitar do(s) palestrante(s), com antecedência, que prepare uma breve apostila para ser distribuída para os participantes dos encontros, pode favorecer o desenvolvimento;

Preparar uma equipe interessada na leitura e na reflexão destes subsídios, a fim de informar e formar as pessoas que irão atuar na elaboração dos encontros;

Promover a animação bíblica em todas as atividades das pastorais e dos movimentos, envolvendo os coordenadores para que realizem um trabalho integrado em função do tema geral. Cada pastoral ou movimento pode ficar responsável por um encontro;

Realizar encontros de preparação em função do mês da Bíblia, pensando na realidade da comunidade e, em particular, nas possibilidades de atualização da mensagem;

Valorizar, imensamente, a presença de todos os envolvidos nos encontros bíblicos;

Procurar perceber a presença de pessoas que, comumente, não participam ativamente da comunidade ou vieram de outras igrejas. Saiba acolher, para reconquistar!

Ajudar os participantes a perceberem a importância e a atualidade de Ex 15,22–18,27 em suas vidas;

Mostrar que cada episódio está em função da experiência do Senhor que os libertos fazem no passo a passo rumo ao Monte Sinai;

Mostrar que a experiência de Moisés e dos libertos continua acontecendo na vida de quem reconhece e valoriza a vocação e a missão dentro e fora da Igreja.

**Preparação próxima:** escolher o local e torná-lo acolhedor; reunir os recursos disponíveis, isto é, tudo o que julgar necessário para favorecer a exposição e o aprendizado dos participantes (apostilas, livros, data-show, tela, som bom, bons microfones, etc); escolher algumas músicas apropriadas. Importante! Não deveria

faltar um bom lanche, pois muitas pessoas, geralmente, vêm direto do trabalho. Isso demonstra, por parte de quem convida e organiza os encontros bíblicos: atenção, interesse e uma grande sensibilidade em relação aos participantes, criando um ambiente acolhedor e de comunhão fraterna.

**1º encontro: (introdução geral ao livro do Êxodo)** apresentar noções gerais sobre o livro do Êxodo, mostrando os seus aspectos centrais e teológicos, dando, porém, uma maior ênfase no primeiro momento da marcha pelo deserto (Ex 15,22–18,27). Isto despertará o interesse dos participantes e ajudará na realização dos objetivos. Promova, principalmente, a integração dos atuantes com os que ainda não atuam na vida da comunidade. Assim, põe-se em evidência a dimensão comunitária da marcha rumo à liberdade acolhida como dom. Evidencie dois ou três pontos concretos que servem de atualização da mensagem na vida familiar, social e eclesial.

**2º encontro (a experiência de um bem necessário, a água):** proclamar Ex 15,22-27; apresentar os aspectos centrais do 1º episódio no deserto e os tópicos teológicos da mensagem, mostrando e ajudando a avaliar as ações do povo em relação a Moisés e ao Senhor. Evidencie dois ou três pontos concretos que servem de atualização da mensagem na vida familiar, social e eclesial.

**3º encontro (a experiência de um bem necessário, a comida):** proclamar Ex 16,1-36; apresentar os aspectos centrais do 2º episódio no deserto e os tópicos teológicos da mensagem, mostrando e ajudando a avaliar as ações do povo em relação a Moisés e ao Senhor. Evidencie dois ou três pontos concretos que servem de atualização da mensagem na vida familiar, social e eclesial.

**4º encontro (a nova experiência de um bem necessário, a água):** proclamar Ex 17,1-7; apresentar os aspectos centrais do 3º episódio e os tópicos teológicos da mensagem, mostrando e ajudando a avaliar as ações do povo em relação a Moisés e ao Senhor. Evidencie dois ou três pontos concretos que servem de atualização da mensagem na vida familiar, social e eclesial.

**5º encontro (a experiência da oposição, *Amalec vem guerrear contra os libertos*):** proclamar Ex 17,8-16; apresentar os aspectos centrais do 4º episódio e os tópicos teológicos da mensagem, mostrando e ajudando a avaliar a ordem de Moisés, a obediência de Josué e a fala do Senhor que explica o feito. Evidencie dois ou três pontos concretos que servem de atualização da mensagem na vida familiar, social e eclesial.

**6º encontro (a experiência da restauração familiar, *Jetro*):** proclamar Ex 18,1-12; apresentar os aspectos centrais do 5º episódio e os tópicos teológicos da mensagem, mostrando e ajudando a avaliar a atitude de Jetro, a acolhida de Moisés e a reação de Jetro à narração dos feitos do Senhor, celebrados em um banquete de comunhão. Evidencie dois ou três pontos concretos que servem de atualização da mensagem na vida familiar, social e eclesial.

**7º encontro (a experiência de quem é sábio para falar e sábio para obedecer: *Jetro fala, Moisés escuta*):** proclamar Ex 18,13-27; apresentar os aspectos centrais do 6º episódio e os tópicos teológicos da mensagem, mostrando e ajudando a avaliar as ações de Moisés, o sábio conselho de Jetro e a obediência de Moisés como sinal de amor a Deus e ao povo. Evidencie dois ou três pontos concretos que servem de atualização da mensagem na vida familiar, social e eclesial.

**8º encontro (a experiência do povo eleito pode e deve ser atualizada na nossa vida e caminhada rumo à pátria definitiva):** reserve para esse encontro a reflexão sobre alguns pontos concretos que surgiram no decorrer dos encontros; partilhe com mais profundidade sobre eles com os participantes, ajudando-os a perceber que a Palavra de Deus é viva e eficaz, sempre atual e iluminadora. Uma reflexão breve sobre o fenômeno do fundamentalismo, sem acusar ninguém, pode ser oportuna.

**Metodologia:** cada encontro poderá começar por um canto apropriado e uma oração conduzida de acordo com a temática do dia. Segue-se a exposição do tema pelo palestrante, considerando, atentamente, a realidade dos participantes e os objetivos propostos para cada dia de reflexão. Deixe um tempo livre para perguntas e para a reação dos participantes. Isto despertará e promoverá o interesse de todos e ajudará na realização dos objetivos. Preveja tarefas simples sobre o tema de cada dia. O encontro poderá terminar, fazendo uso do livro: *Aproximai-vos da presença do Senhor (Ex 16,9) - Mês da Bíblia 2011. Travessia: Passo a passo, o caminho se faz - Livro do Êxodo 15,22-18,27*, preparado pelo Serviço de Animação Bíblica das Paulinas (SAB), que, além de uma introdução geral ao livro do Êxodo, traz celebrações apropriadas.

**Material didático:** livros ou apostilas contendo os resumos das palestras; folhas de canto, de orações e das celebrações para a conclusão de cada dia de encontro.

**Avaliação dos encontros:** pode-se elaborar uma ficha com algumas perguntas diretamente relacionadas ao tema geral, às temáticas de cada dia e à forma como o(s) palestrante(s) conduziu(ram) os encontros. As perguntas devem ser bem objetivas, a fim de facilitar as respostas. Um formulário do tipo múltipla escolha pode ser usado. Todavia, perguntas do tipo – *Você gostou disso ou daquilo?* – devem ser evitadas, pois não revelam o alcance dos objetivos. Reserve-se, para isso, um espaço para que os participantes possam manifestar, livremente, as suas sugestões e as suas críticas pessoais.